

Palestra do Tenente Campos e Sousa, da C.V.P., em 15.6.49,
no Cinema S. Luis, antes da exibição do filme "D'Homme à
Hommes"

Excelências,
minhas Senhoras,
meus Senhores

O nome de Henri Dunant, que nasceu a 8 de Maio de 1828 e foi o fundador da Cruz Vermelha, é conhecido de todos aqueles que, de perto ou de longe, se interessam por esta grande obra humanitária. A sua vida, pelo contrário, permanece, quase por completo, ignorada, se bem que, erigida de lutas, antenebrecida de miséria e aureolada de caridade, ela constitua uma das mais espolgantes aventuras humanas.

+

A humanidade inclina-se com reconhecimento e gratidão perante esta Cruz, cujos braços, cõr de sangue, têm aliviado tanto sofrimento.

Os homens sabem que a Cruz Vermelha fez o impossível durante a última guerra e depois dela, para socorrer todas as misérias.

Os membros da Cruz Vermelha Internacional percorreram os campos de concentração, visitando os deportados e encorajando os prisioneiros. Ousaram levantar uma tímida voz de protesto contra os métodos inhumanos de alguns beligerantes. Mas

Palácio de Toronto, Campos e Sousa, da C.V.P., em 18.6.49,
no Cinema S. João, antes da exibição do filme "O Homem à
Homenagem"

Excelências,
minhas Senhoras,
meus Senhores

O nome de Henri Dunant, que nasceu a 8 de Maio de
1828 e foi o fundador da Cruz Vermelha, é conhecido de todos a-
quelas que, de perto ou de longe, se interessam por esta grande
obra humanitária. A sua vida, pelo contrário, permanece, quase
por completo, ignorada, se bem que, aliada de outras, antecede-
ra de modo a esclarecer as verdadeiras, eja constitua uma das
mais importantes aventuras humanas.



A humanidade inclina-se com reconhecimento e gra-
tidão perante esta Cruz, cujos braços, cõr de sangue, têm aliviado
tanto sofrimento humano.

Os homens sabem que a Cruz Vermelha fez o impossível
aliviando durante a última guerra e depois dela, para socorrer todas
as misérias.

Os membros da Cruz Vermelha Internacional percor-
rem os campos de concentração, visitando os deportados e encor-
ajando os prisioneiros. Querem levantar uma tábua vez de pro-
testo contra os métodos inhumanos de alguns delinquentes. Mas

eles, ensurdecidos e atordoados, não ouviram a voz humana, a voz da caridade, a voz da Cruz Vermelha. E os deportados e os prisioneiros sofreram e ainda sofrem na sua carne e no seu espírito.

Todos nós sabemos que as Cruzes Vermelhas dos países invadidos e neutros enviaram substanciais pacotes de géneros alimentícios aos prisioneiros e deportados. Graças à Cruz Vermelha, pudemos ter notícias, curtas mas reconfortantes, dos nossos parentes, dos nossos amigos, ausentes no estrangeiro. As fronteiras estavam herméticamente fechadas, mas não tanto que não fossem permeáveis às cartas da Cruz Vermelha.

Tudo isto é do domínio público, embora poucas pessoas conheçam a história verídica da Cruz Vermelha. Ela nasceu, ~~subitamente~~ no dia seguinte a uma batalha sangrenta, em Solferino aos 25 de Julho de 1859.

Subitamente, aparece um homem naquele campo de miséria e dôr. Um homem todo vestido de branco com um capacete colonial na cabeça, e um livrinho debaixo do braço. É um homem novo com 30 anos ao máximo. Será turista? Ninguém sabe. Quem será ele?

É um novo Samaritano que se apresenta á cabeceira da dôr humana, sem o saber, sem o querer. Esse homem é Jean-Henri Dunant, um suiço. Está ali, diante dos mortos e dos feridos. O que faz ele?

Henri Duⁿant, nem médico nem enfermeiro, ignorando absolutamente tudo do serviço de saúde, encontra-se em Solferino à procura de Napoleão III.

Com a fortuna do pai e de alguns amigos, havia instalado uma empresa moageira na Argélia; mas ninguém lhe levava

elas, encurvadidas e atordoadas, não ouviram a voz humana, a voz da caridade, a voz da Cruz Vermelha. E as deportadas e as prisioneiras sofreram e ainda sofrem na sua carne e no seu espírito.

Todas nós sabemos que as Cruzes Vermelhas dos países invadidos e neutros enviaram substanciais pacotes de gêneros alimentícios aos prisioneiros e deportados. Graças à Cruz Vermelha, pudemos ter notícias, cartas mas reconfortantes, dos nossos parentes, dos nossos amigos, ausentes no estrangeiro. As fronteiras estavam hermeticamente fechadas, mas não tanto que não fossem permeáveis às cartas da Cruz Vermelha.

Tudo isto é do domínio público, embora poucas pessoas conheçam a história verdadeira da Cruz Vermelha. Ela nasceu ~~em~~ no dia seguinte a uma batalha sangrenta, em Solferino nos 22 de Junho de 1859.

Espetacularmente, aparece um homem naquele campo de batalha e vê. Um homem todo vestido de branco com um capacete colonial na cabeça, e um livrinho debaixo do braço. É um homem novo com 30 anos ao máximo. Será turco? Não, ninguém sabe. Quem será ele? É um novo Samaritano que se apresenta à espedeira da

dor humana, sem o saber, sem o querer. Esse homem é Jean-Henri Dunant, um suíço. Está ali, diante dos mortos e dos feridos. O que faz ele?

Henri Dunant, nem médico nem enfermeiro, ignorando absolutamente tudo do serviço de saúde, encontra-se em Solferino a procura de Napoleão III.

Com a fortuna do pai e de alguns amigos, havia fundado uma empresa moçeteira na Arélia; mas ninguém lhe lavava

trigo para moer. Sobrevem a falência, Dunant é tenaz. Vai a Paris e percorre as ante-cameras de todos os ministérios franceses, tentando obter uma concessão de terreno que lhe permita cultivar ele próprio o seu trigo e moê-lo, vendendo, por fim, a farinha. Em suma, Dunant é um empreendedor.

Nos ministérios, é bem recebido e fazem-lhe promessas, mas não consegue obter a concessão. Pensa, nesse instante, que precisa subir mais alto. É forçoso encontrar Napoleão III. Só ele poderá dar-lhe satisfação. E eis-lo que se põe a caminho, à procura do Imperador. E eis como Dunant se encontra em Solferino, no dia 26 de Junho, de manhã. Debaixo do braço leva um manuscrito, L'Empire de Châlémagne rétabli, no qual faz o elogio de Napoleão III, considerando-o o continuador do Império Romano e de Carlos Magno.

Perante quarenta mil homens caídos no campo de batalha de Solferino, onde lhe chegam aos ouvidos os uivos da miséria e do sofrimento, Dunant esquece Napoleão e os meinhos na Argélia. Faz o balanço da carnificina guerreira, dos estragos da batalha. Os chefes partiram em demanda da glória. Os mortos estão ali e os feridos gritam com dor. O desespero impera no campo de batalha. Dunant ouve os soldados clamarem: "A'gual! A'gual! Socorro!"

Em face da carência do serviço de saúde militar, e sobretudo perante a imensidade desse sofrimento humano exposto, em pleno sol ardente, sobre os campos nús de Solferino, a alma cristã desse protestante tem, repentinamente, a visão de um socorro possível.

Dunant corre então a Castigliano, pequena cidade de 4.000 habitantes, na Lombardia, a quatro quilómetros de Solferino

trigo para nós. Sobrevem a fome. Durante a fome, há a Pa-
 rta e percorre as encostas de todos os municípios franceses,
 tentando obter um concessão de terreno que lhe permita cultivar
 esse trigo e nos trazer a nós-ia, vendendo, por fim, a farinha.
 Em suma, durante é um empreiteiro.

Nos municípios, é bem recebido e fazem-lhe promessas,
 mas não consegue obter a concessão. Fome, nesse instante, que
 precisa entrar mais alto. É forçoso encontrar Napoleão III. Só ele
 poderá dar-lhe a satisfação. E ele-ia que se põe a caminho. É preciso
 de fazer-lhe. E ele como há de se encontrar em Solferino, no dia
 22 de Junho, de manhã. Debe de ir para fazer um manuscrito, Le
givre de Göttingen révisé, no qual faz o estudo de Napoleão III,
 considerando-o o conquistador do império romano e de outras terras.

Parante apresenta-lhe alguns dados no campo de batalha
 de Solferino, onde lhe mostram nos níveis da mata e de
 estradas, durante aqueles Napoleão e os outros na Argélia. Faz
 o plano de batalha de Solferino, dos estradas de batalha. Os
 chefes partem em busca da glória. Os outros estão ali e os
 feridos ficam com dor. O desespero impõe no campo de batalha.

Durante esse os soldados clamam: "A'Gust! A'Gust! Solferino!"

Na face da carnagem do serviço de saúde militar, e
 sobretudo perante a humanidade dasse sofrimento humano exposto, em
 plano sol ardente, sobre os campos da de Solferino, a alma crítica
 desse protestante tem, repentinamente, a visão de um deserto pos-

sível.

Durante corre então a Castiglione, pequena cidade de
 4.000 habitantes, na Lombardia, a quatro quilómetros de Solferino

Vai procurar o pároco da freguesia, faz tocar os sinos, alerta toda a população e explica-lhe o fim que tem em vista: socorrer os feridos. "Respeito pelos feridos" é a palavra de ordem que emprega a partir da primeira hora.

A ideia da Cruz Vermelha nascera. Todos os povos, sem distinção de raça, de religião, de opinião política, devem a si mesmo a prestação de socorros aos feridos de guerra. Todos se devem unir para aliviar os sofrimentos físicos e morais do soldado caído no campo de batalha, qualquer que seja o ideal ou o chefe pelo qual se bateu. O homem sã deve ajudar o homem doente, ferido.

O zêlo de Dunant não conhece limites. Durante os dias 25, 26 e 27 de Junho, ele vai, e vem, conversa, prega, persuade, e, por fim, organiza hospitais, onde todos os feridos, franceses, austriacos, húngaros, italianos, são tratados por igual. Gasta-se, sem contar.

A ideia está lançada. A humanidade deve socorrer os feridos de guerra.

Em 1862, Henry Dunant está de regresso em Genebra, sua cidade natal. Mas o pesadelo de Solferino persegue-o. E para alívio, escreve as suas memórias, Un Souvenir de Solferino, onde conta, com grande minúcia, tudo quanto viu e conclui que deve ser formada uma Sociedade Internacional para prestar auxílio aos feridos durante as guerras. O seu livro alcança um grande êxito.

Com ele, Dunant percorre a Europa. Vai a todos os ministérios, às embaixadas, às chancelarias; é recebido com benevolência em toda a parte. É ouvido, é aprovado; alguns, animam-no!

Vel procurar o grupo de trabalho, faz soar os sinos, alerta
 toda a população e explica-lhe o fim que tem em vista; recorrer
 os serviços "Hospital pelos feridos" é a palavra de ordem que
 impõe a partir da primeira hora.

A ideia da Cruz Vermelha nasceu. Todos os povos, sem
 distinção de raça, de religião, de opinião política, devem a si
 mesmos a prestação de socorro aos feridos de guerra. Todos os de-
 vos para ajudar os ferimentos físicos e morais da soldado
 estão no campo de batalha, qualquer que seja o ideal ou o estado
 pelo qual se batem. O homem não deve ajudar o homem doente, ferido,
 do.

O mês de Junho não conhece limites. Durante os dias
 22, 23 e 27 de Junho, ela vai a vent, convertem, promissuras,
 e, por fim, organiza hospitais, cura todos os feridos, transtornos,
 necessidades, hábilmente, são tratados por Ignaz Gatscher,
 sem contar.

A ideia está lançada. A humanidade deve socorrer os
 feridos de guerra.

Em 1862, Henry Dunant está de regresso em Ginebra, sua
 cidade natal. Há o pesadelo de Solferino perseguindo-o. E para ali-
 vio, escreve as suas memórias, Un Souvenir de Solferino, onde
 conta, com grande minúcia, tudo quanto viu e sentiu que deve
 ser formada uma Sociedade Internacional para prestar auxílio
 aos feridos durante as guerras. O seu livro alcança um grande

êxito. Com ela, Dunant percorre a Europa. Vai a todos os pontos
 críticos, as embaixadas, as chancelarias e recolhe com benevolên-
 cia em toda a parte, êxito, êxito, êxito, alguns, alguns, alguns.

Mas a ideia de Dunant é reunir os representantes de todos os povos civilizados e submeter-lhes o seu projecto de uma associação de socorros aos feridos.

Nenhum país ousa tomar a iniciativa.

Na primavera de 1863, em Genebra, Dunant consegue fazer-se compreender por todos os presidentes das sociedades de beneficência suíças. Explica-lhes que se realizará um congresso de beneficência em Berlim, no mês de Setembro, e que é preciso aproveitá-lo para a Suíça apresentar a ideia dos enfermeiros voluntários e dos socorros aos feridos de guerra.

O congresso de Berlim é o começo da obra de Dunant. Distribui o seu livro a todos os congressistas, vindos dos mais diversos países da Europa, e envia a toda a gente uma circular onde as bases da Cruz Vermelha são indicadas nitidamente.

A Cruz Vermelha Internacional saiu dessa circular.

Passam-se dois anos em diligências através do continente. Dunant multiplica os seus esforços. Regressa a Genebra e consegue persuadir o Governo Suisso de que o Congresso do Comité Internacional deverá reunir-se naquela cidade; mas imediatamente, por convocação governamental.

No dia 25 de Outubro de 1863, Genebra torna-se o centro do mundo. Chegam delegados de todos os países. O Congresso fôra marcado para 26 do referido mês. Devia durar dois dias, mas os congressistas entusiasmados e encantados reclamam um terceiro dia.

A 1ª Convenção Internacional é aprovada por catorze nações. É a glorificação de Dunant. E, no último dia, o presidente lê os agradecimentos calorosos dirigidos pela assem-

Mas a ideia de Durand é reunir os representantes de todos os povos civilizados e subdesenvolvidos e seu projecto de um assembléa de accordo nos termos.

Nenhum país deve tomar a iniciativa.

No primavera de 1893, em Genebra, Durand conseguiu fazer-se

compreender por todos os presidentes das sociedades de bemfazezancia e outras entidades, Escolas-Liberas que se realizam em congressos de bemfazezancia em Berlim, no mês de Setembro, e que é preciso aproveitá-las para a Europa apresentar a ideia das conferencias voluntárias e das sociedades nos termos de Durand.

O congresso de Berlim é o campo da obra de Durand. Não há um livro a todos os congressistas, vindos das mais diversas partes da Europa, e envia a toda a Europa um director

debaix da direcção da Cruz Vermelha são indicados nitidamente.

A Cruz Vermelha Internacional não deve abandonar.

Passamos de dois anos em diligências através do continente.

Durand multiplicou os seus esforços, regressou a Genebra e conseguiu

que o presidente e o governo Suíço de que o Congresso do Comité Internacional deverá reunir-se na mesma cidade; mas imediatamente se por convocação governamental.

No dia 23 de Outubro de 1893, Genebra tornou-se o centro do mundo. Chegaram delegados de todos os países. O Congresso

teve marcado para 28 de Setembro mês. Devido a durar dois dias,

mas os congressistas entusiasmados e encorajados receberam um

terceiro dia.

A 1ª Convenção Internacional é aprovada por estorço

nações. É a glorificação de Durand. É, no último dia, o pro-

bleia a Dunant.

A assembleia, de pé, aplaude. Nasce, oficialmente, a Cruz Vermelha, Consagra-se a obra de um homem que vem, como redemptor, salvar os sofrimentos da carne e da alma humanas.

A situação material de Dunant, já difícil, redundou entretanto em catástrofe. Condenado pelos tribunais de Genebra, foi declarado "falido", e os credores perseguiram-no, até o fim da vida.

Uma vez declarada a falência, Dunant teve que renunciar ao seu posto e largar a obra que havia fundado. Desconsiderado junto dos compatriotas por um julgamento severo do tribunal, dentre as poucas abandonado pelos amigos, Dunant procurou refugio em Paris, onde uma amiga, pelo menos, lhe permanecera fiel: Madame Kastner, que ele encontrára no Hospital de Castiglione. Elsa Kastner era linda, rica, viúva e gostava de Dunant.

Não seria esta, finalmente, para Dunant, a ocasião maravilhosa de pensar na sua felicidade, fazendo um óptimo casamento?

Dunant recusa a oportunidade que a Providência lhe oferece, por ser pobre, muito pobre, terrivelmente pobre! O facto de gostar de Madame Kastner tanto como ela gostava dele não modifica a sua resolução, mas grada os esforços empreendidos por um saíge comum para o fazer ceder à tentação matrimonial.

Dunant torna-se tão pobre que chega a dormir debaixo das pontes de Paris, nos anos brilhantes do final do 2º Império. Aquelles prazeres, aquella alegria fácil não lhe estavam

dele e de sua.

A assembleia de 1848, quando, no entanto, a
Grã Bretanha deu-se a obra de um homem que vem, como
repetir, sobre os sofrimentos da carne e da alma humana.
A situação material de Dumas, já difícil, reduziu
enquanto ao castelo, Condado pelos tribunais de de-
novo, foi designado "Lafite", e os credores perseguiram-no,
até o fim da vida.

Um von designado a Lafite, Dumas teve que renun-
ciar ao seu posto e largar a obra que havia fundado. Descon-
tado tanto das computações por um julgamento severo da
tribunal, dando em pouco tempo pelos antigos, Dumas
procurou refugio em Paris, onde um amigo, pelo nome, lhe
permanecer três semanas Kaster, que ele encontrou no Hos-
pital de Castiglione. Elias Kaster era filho, não filho e
gostava de Dumas.

Não seria esta, finalmente, para Dumas, a ocasião de
reflexões de pensar na sua felicidade, quando um quinto cas-
mento?

Dumas recusou a oportunidade que a Providência lhe ofe-
receu, por ser pobre, muito pobre, felizmente porque o facto
de gostar de Madame Kaster tanto como ela gostava dele não
melhor a sua resolução, mas graças ao estorpo espremeidas
por um amigo comum para o fazer ceder a tentação matrimonial.
Dumas tornou-se tão pobre que chegou a dormir debaixo

das pontes de Paris, nos anos brilhantes do final do 1848
pobre. Aquelas presenças, aquela alegria lábil não estavam

destinados... Desaparece por completo, e só volta a ser visto quando a desgraça sucede a tanto esplendor!

~~Em~~ Em Paris sitiado, no ano de 1870, Dunant retoma a sua actividade de bom Samaritano. Vai ás primeiras linhas recolher feridos e transporta-os para a retaguarda, em carros ornados de uma Cruz Vermelha. A obra que ele fundara, dá pela primeira vez, algum alívio ás vítimas da guerra.

O triunfo máximo da sua vida, obtém-o no ano sombrio do cerco: concebe o projecto temerário de evacuar de Paris uma columna de feridos e miseráveis. Cepticas, as autoridades militares francezas objectam que os prussianos, que dominam todas as pentes com o fogo da sua artilharia, não deixarão passar ninguém. Teimoso e confiante na sua estrela, como sempre em todas as grandes circumstancias da vida, Dunant, desfaldando a bandeira da Cruz Vermelha, faz com que os seus protegidos atravessem o Sena, de barco. Nesse dia, pela primeira vez, a Cruz Vermelha salva da metralha aqueles que se acolhem à sua protecção.

Gaste por tantas fadigas, por tantos esforços, um pouco cansado da humanidade que se mostra, a seu respeito, de uma excepcional ingratição, Dunant vai acabar os dias na Suíssa, num hospício onde se encontram recolhidos outros anónimos...

Encontrará, finalmente, a paz? Não! Até aí o vão perseguir os credores impiedosos.

Quando Henry Dunant recebe, com grande surpresa, o Prémio Nobel da Paz, o mais persistente, o mais encarniçado dos seus credores genovezes surge no meio da festa organizada para festejar o bom velhote. Vem tomar posse, legalmente, do

destinados... Desesperos por completo, e só volta a ser visto quando a desgraça sucede a tanto expandirem!

Em Paris aliada, no ano de 1870, durante o tempo a sua actividade de bom humanista. Foi na primeira linha receber feridas e transportar-se para a restauração, em certos momentos da sua vida pessoal. A obra que ele fundou, da primeira vez, alguns alívios às vítimas da guerra.

O triunfo máximo da sua vida, ocorreu no ano seguinte do êxito conhecido o projecto temerário de evocar de Paris um conjunto de lendas e histórias. Capítulos, as actividades militantes tinhamse objectos que se prestavam, que dominam todas as pontes com o fogo da sua existência, não deixava passar ninguém. Também a confiança na sua estrada, como sempre em todas as grandes circunstâncias da vida, durante, destruindo a bandeira da Cruz Vermelha, faz com que os seus projectos atravessassem o mar, de parte. Nesse dia, pela primeira vez, a Cruz Vermelha saíra da estrada aquelas que se acolhem à sua protecção.

Gasto por tantas coisas, por tantos esforços, um pouco saído da humanidade que se mostra, a seu respeito, de uma excepcional importância, durante vai sobre os dias na Rússia, um hospital onde se encontram recolhidos outros soldados...

Encontrar, finalmente, a paz! Não! Não! Não!

perseguir os outros impedidos.

Quando Henry Dunant recebe, com grande surpresa, o Prémio Nobel da Paz, o mais persistente, o mais encorajado dos seus credores. Encontra-se muito no meio da festa organizada para festejar o bom trabalho. Sem tomar posse, legalmente, do

Premio Nobel. Demasiado tarde. Dunant, naquela mesma manhã, havia desistido da avultada quantia em beneficio das obras da Cruz Vermelha.

Com a cabeça toda branca, gasto por fadigas sem par, abandonado num asilo de velhos, o grande benefactor da humanidade aguardou, num fauteuil, uma morte lenta, que só chegou em 30 de Outubro de 1910.

De seu generoso coração, que nesse dia deixou de pulsar, sobreviveu a parte mais nobre, a parte mais bela: ficou-nos a Cruz Vermelha.

Prêmio Nobel. Resolvido tarde demais, quando os seus
poderes desistido de qualquer chance de benefício das obras
da Cruz Vermelha.

Com a idade cada vez maior, ficou por fazer um par,
abandonando um lado de velhos, e ficando desolado de hum-
nidade agredidos, mas tentou, um pouco antes, que se tra-
zou em 30 de Outubro de 1910.

De seu famoso coração, que nesse dia deixou de
palpar, sobreviver a parte mais nobre, a parte mais bela:
Lição para a Cruz Vermelha.